

Tem extensão na pós-graduação? A experiência do projeto Feira de Trocas como caminho formativo entre a extensão e a pós-graduação.

CAIO CORREIA DOS SANTOS QUINA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

ALINE DA CUNHA MIRANDA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

LARISSA LEMOS DIAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

DÉBORA DIAS RESENDE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

FLÁVIA LUCIANA NAVES MAFRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

Agradecimento à órgão de fomento:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Tem extensão na pós-graduação? A experiência do projeto Feira de Trocas como caminho formativo entre a extensão e a pós-graduação

1. Introdução

A formação na pós-graduação no Brasil carrega uma forte hegemonia da pesquisa em detrimento do ensino (Bispo, 2020) e desses dois pilares em detrimento da extensão (Nunes, 2017). Nesse sentido, existe uma hierarquização dos pilares que constituem o saber dentro da universidade e esse fato faz com que a extensão em geral seja pouco valorizada na pós-graduação e na universidade (Nunes, 2017). Enquanto estudantes e docente da pós-graduação, acreditamos que a nossa participação em um projeto de extensão, articulado com a pesquisa e o ensino permite uma formação mais ativa, colaborando para uma educação mais conectada com as realidades da comunidade.

Como apresentado por Valêncio (2000) a universidade não deve pensar **acerca** da sociedade, mas **junto** a sociedade. Tal afirmação vale também para a pós-graduação, espaço nos qual a pesquisa e os pesquisadores têm se mostrado distantes dos problemas e dinâmicas concretas da sociedade (Alcadipani, 2011; Carvalho; Vieira, 2003; Cunliffe, 2020; Sá *et al.*, 2020; Szlechter *et al.*, 2020).

O debate sobre a aproximação com a sociedade nas universidades fica à cargo da extensão, o pilar mais fraco da tríade ensino-pesquisa-extensão que caracteriza as universidades. Na pós-graduação, particularmente, a extensão é pouco valorizada, o que contribui para a transmissão de conhecimento como algo dado, pouco reflexivo, tornando a universidade operacional, sem ação (Chauí, 1999), algo muito problemático quando se sabe que a pós-graduação forma não apenas pesquisadores, mas também professores.

Esse processo é parte das disputas que envolvem as universidades marcadas pela colonialidade do saber, ou seja, a racionalidade da ciência hegemônica que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo e de seus saberes específicos (Porto-Gonçalves, 2005)

A extensão universitária seria um caminho para romper os padrões da colonialidade, fortalecendo o diálogo entre a universidade e a sociedade (Moita; Andrade, 2009), possibilitar outros saberes na construção do conhecimento plural (Moreira; Mafra, 2023; Pimentel; Menezes, 2022), que pode tornar o trabalho na pós-graduação mais significativo e gratificante. Assim, a extensão apresenta-se como uma proposta contrária à lógica colonialista do saber (Gadotti, 2017)

Esse trabalho objetiva caracterizar a construção do projeto de extensão **Feira de Trocas da UFLA**, discutindo sua contribuição para a formação de pós-graduandos por meio das lentes da decolonialidade do saber. Para sustentar o objetivo proposto foi utilizada como método de coleta de informações a autoetnografia (Santos; Biancalana, 2017), a partir de relatos produzidos pelos precursores do projeto Feira de Trocas, sendo esses pós-graduandos e uma docente da UFLA. A docente em questão é também autora deste artigo.

O trabalho está dividido em cinco tópicos, sendo o primeiro a introdução. O segundo apresenta o referencial teórico, no qual discutimos a colonialidade do saber no ensino superior e a extensão universitária. No terceiro tópico apresenta-se o percurso metodológico e no quarto analisamos as informações coletadas. Por fim, no quinto tópico, compartilhamos as considerações finais, seguida das referências.

2. Referencial Teórico

2.1 Colonialidade e Universidade: em que momento elas se aproximam?

Compreender as bases estruturais que formaram a sociedade brasileira, elucida as regras sociais e de poder que operam as instituições e os sujeitos. O colonialismo, como uma dessas bases, constituiu mecanismos de exploração e subversão de povos aos seus colonizadores, isto é, a exploração e a subversão das colônias pelas metrópoles (Quijano, 2005). Mesmo diante da independência das colônias, padrões postulados pelos colonizadores continuam sendo operados.

Mas de que forma os padrões instituídos pelos colonizadores às colônias continuam operando? É o que Quijano (2005) e Mignolo (2017a; 2017b) propõem explicitar com a análise da colonialidade. Para Mignolo (2017b, p. 13) a colonialidade pode ser colocada como uma “matriz ou padrão colonial de poder”, ou seja, “um complexo de relações que se esconde detrás da retórica da modernidade (o relato da salvação, progresso e felicidade) que justifica a violência da colonialidade”. Em outros termos, uma malha mundial de poder que opera um conjunto de relações de dominação e exploração, ordenadas no capitalismo moderno/colonial, que perpetua práticas entre os saberes e modos de vida (Quijano, 2005).

A colonialidade estabeleceu uma narrativa única que constituiu a hierarquização de povos, saberes, localidades, etc., garantindo a perpetuação do poder posto pela “conquista”, como verdadeira. Desta forma, a categoria analítica da colonialidade, permite examinar as relações sociais, culturais, políticas e subjetividades, constituídas a partir da “conquista”, principalmente no recorte geopolítico latino-americano (Caciatori; Fagundes, 2018).

A colonialidade se estrutura a partir da ideia de raça (Quijano, 2005; Segato, 2021) que é o instrumento de classificação que nega a existência do Outro. Em outras palavras, promoveu assim, uma visão dual, separando o mundo em categorias binárias, universais, conceituando qualquer processo que destoa do padrão eurocêntrico em uma categoria de oposição à mentalidade moderna (Dussel, 2005; Maldonado-Torres, 2007).

Quijano (1992) exprime que a colonialidade, como matriz de poder, opera em três âmbitos, de forma conjunta: a colonialidade do ser, do saber e do poder. A essas três dimensões podemos acrescentar a colonialidade da natureza (Walsh, 2007) e a colonialidade de gênero (Lugones, 2014).

A colonialidade do saber, que particularmente interessa a esse trabalho, conforme apontado por Porto-Gonçalves (2005, p.3) se expressa como um “legado epistemológico do eurocentrismo que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são próprias”, o que significa que a racionalidade matriz, a eurocêntrica, torna-se a única via de geração de conhecimento válido sobre os dominados, levando a apropriação, desqualificação e apagamento do imaginário popular e de suas formas próprias de construção de conhecimento (Caciatori; Fagundes, 2018; Lander, 2005).

Nessa perspectiva, a colonialidade do saber opera em condicionar o conhecimento como mecanismo de dominação e poder (Lander, 2005), principalmente por meio da ciência moderna, como forma de subalternizar formas de conhecimentos desviantes do institucionalizado (Lander, 2005; Grosfoguel, 2007). As universidades, como centros de formação e produção de conhecimento são espaços de disputa pelo conhecimento, onde prevalece a colonialidade do saber (Amaral; Naves, 2020; Moreira; Mafra, 2023).

Almeida-Filho (2024) ao analisar historicamente o papel das universidades, expõe que tais instituições mantiveram a reprodução do padrão colonial hegemônico nas sociedades contemporâneas. Segundo o autor, “a Educação Superior passa a funcionar como produtora dos saberes que dominam ou que, pelo menos, viabilizam a dominação política e a hegemonia no plano ideológico” (Almeida-Filho, 2024, p.28).

O surgimento das universidades no contexto nacional, se deu como uma iniciativa das elites e para as elites reproduzindo concepções do aparato colonial e moderno nas instituições, condicionando a hierarquização de acesso de populações dos estratos mais baixos (Brito; Santos, 2018). A ciência moderna, reproduzida nas universidades, estratificou a sociedade em

hierarquias raciais e sociais (Nogueira, 1998), favoreceu a manutenção de privilégios e a reprodução de um sistema de pensamento racional e tecnicista que visava uma corrida em busca do desenvolvimento científico como aparato ao desenvolvimento econômico nacional (Barreto; Filgueiras, 2007; Grosfoguel, 2007), deixando de lado o potencial emancipatório e crítico dessas instituições (Gonçalves, 2024).

Contudo, uma outra vertente, compreende as potencialidades da universidade de enfrentamento da colonialidade e defende que ela atue democraticamente, no questionamento das estruturas sociais e hegemônicas que operam a sociedade, como apresentado por Segato (2021, p. 40):

A universidade é o corredor que é preciso atravessar para acessar as posições em que se decide o destino dos recursos da nação. Por isso mesmo, a universidade é o viveiro da elite que administra o setor público e o setor privado. Ao ameaçar democratizar a universidade em termos raciais, estamos ameaçando o próprio coração da colonialidade, como padrão que garante a reprodução da ordem eurocêntrica e seu olhar racista sobre corpos e os saberes.

No Brasil, é somente na primeira metade do século XX que a universidade é colocada como instituição democrática e popular. Seu despertar para o compromisso social é visto tardiamente entre os anos de 1950 a 1960, a partir da influência dos movimentos sociais (Gadotti, 2017). A Constituição Federal brasileira, promulgada em 1988, garante a todos o direito à educação superior, apesar disso, seu acesso ainda continua canalizado para à elite. Almeida-Filho (2024) expõe no perpassar da história e das reformas que a universidade passou, diante da busca por se distanciar do aparato da colonialidade, reivindicando um papel de precursora na transformação da sociedade, ela ainda se situa como uma instituição em que suas organizações curriculares e institucional reproduzem as dimensões colonial-moderno.

Há uma intensa disputa sobre as universidades que desempenham papéis muitas vezes contraditórios, por um lado reproduzindo a colonialidade do saber, afastadas de demandas sociais e políticas, com acesso limitado para grupos subalternizados e, por outro, constituindo-se como espaços de construção de saberes, identidades, de formação crítica e humana (Moreira; Mafra, 2023).

Nesse espaço contraditório que a extensão tem se construído como uma atividade essencial na consolidação da universidade, particularmente de seu posicionamento crítico e no enfrentamento à colonialidade do saber.

2.2 Discutindo o Tripé Acadêmico: a Extensão como alternativa de descolonização do saber na pós-graduação

O tripé, ensino, pesquisa e extensão é a manifestação do exercício no qual a universidade se realiza (Sleutjes, 1999) e, pode-se acrescentar, a indissociabilidade como um princípio orientador de tal tripé. Tal princípio é assegurado no artigo 207 da Constituição Federal de 1988, estabelecendo que “as universidades gozam, na forma da lei, de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão [...]” (BRASIL, 1988, art. 207). Logo, no que se refere à função social da universidade focada no acesso à educação, é necessária a mobilização de ações, projetos, pesquisas e reflexões que dialoguem conjuntamente com o tripé.

O **pilar ensino**, refere-se aos meios e às estratégias para a realização da instrução, o meio em que ocorre o processo educacional (Assis; Bonifácio, 2011). A **pesquisa** é associada à materialidade do saber, e apresenta como objetivo final, a busca por respostas de problemas sociais, sendo fomentada, na maioria das vezes, por órgãos de pesquisa próprios. Nesse sentido, tende a assumir um papel de protagonismo na educação superior, em especial, na pós-graduação

(Bispo, 2020; Moita; Andrade, 2011). De acordo com Separovic e Passarin (2017) é importante que a pesquisa, de forma crítica e consciente seja articulada com os demais pilares para de fato se aproximar das problemáticas sociais. Mediante as discussões de várias edições de Encontros Nacionais de Extensão Universitária concernentes ao Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras, a definição do **pilar extensão** foi brevemente desenvolvido, sendo:

[...] um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade (Política Nacional de Extensão Universitária, 2012, p. 28).

Ao traçar um histórico sobre a extensão até a discussão sobre a curricularização, Gadotti (2017) afirma que o debate acerca da extensão se inicia em meados da década de 60, enquanto a discussão sobre a obrigatoriedade da curricularização aconteceu somente no Plano Nacional da Educação (PNE) 2001-2010. Foi nesse plano, que se definiu a obrigatoriedade de no mínimo 10% do total de créditos curriculares exigidos na graduação, seja em programas e projetos de extensão universitária. Essa obrigatoriedade, se restringiu na maioria das vezes, aos currículos da graduação e não da pós-graduação, o que abre lacunas a respeito da formação extensionista.

Embora tenha ganhado destaque nos debates acadêmicos nas universidades, a extensão mesmo com a obrigatoriedade para os cursos de graduação, ainda é relegada a segundo plano, sendo caracterizada como um pilar esvaziado (Jimenez *et al.*, 2023). A extensão universitária traz a proposta de aproximação e troca de saberes entre professores, alunos e a comunidade, permitindo assim, o fortalecimento da relação e do diálogo entre a universidade e a sociedade, tornando a universidade mais participativa na construção da realidade social (Moita; Andrade, 2009). Com base nisso, a extensão surge como uma tentativa de fomentar outros saberes nas instituições de ensino, buscando transformar e questionar o *status quo* que vigora. A extensão como pilar universitário, colabora para um novo modelo de universidade, superando o enfoque elitista de ensino e da pesquisa, por isso, entende-se que esse pilar é essencial para a descolonização do saber (Moreira; Mafra, 2023; Pimentel; Menezes, 2022).

Esse cenário ilustra o advento do pilar extensão como uma forma de resistência, evidenciando a necessidade de superação de uma ideia de universidade que contemplava os interesses de classes elitistas (Santos, 2004). É nesse sentido que Santos (2004, p.53-54) chama atenção para a centralidade da extensão:

No momento em que o capitalismo global pretende funcionalizar a universidade e, de facto, transformá-la numa vasta agência de extensão ao seu serviço, a reforma da universidade deve conferir uma nova centralidade às atividades de extensão (com implicações no *currículum* e nas carreiras dos docentes) e concebê-las de modo alternativo ao capitalismo global, atribuindo às universidades uma participação ativa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural.

Tendo isso em vista, a proposta de curricularização da extensão vai além de torná-la indissociável do ensino e da pesquisa, significa contemplar outros saberes, teorias e perspectivas que permeiam as realidades sociais e incorpóreas ao processo de formação educacional. Sendo assim, a extensão em sua materialidade, se alia a descolonização do saber por se propor a trazer outras perspectivas aos currículos que não apenas as teorias e práticas que reproduzem a lógica dominante. Nesse sentido, a extensão, no geral, apresenta-se como alternativa para romper com a colonialidade do saber, introduzindo outros saberes, práticas e experiências de forma dialógica com anseios e problemática da sociedade, conforme destaca Gadotti (2017):

A extensão aproxima o aluno das demandas da sociedade, fortalecendo sua formação cidadã. Para o aluno, a extensão é também o lugar do reconhecimento e aceitação do outro e da diversidade. Curricularizar a extensão vai obrigar a universidade a repensar suas concepções e práticas de extensão, o currículo e a própria universidade (Gadotti, 2017, p.10).

A obrigatoriedade da extensão vinculada a formação dos graduandos ainda que um passo importante, tem se mostrado um desafio para as universidades. Quando se trata de pós-graduação, ainda soa como algo distante. A realidade da desvalorização da extensão na pós-graduação e na Universidade como um todo, foi sintetizada recentemente, no (1º Encontro Nacional sobre Extensão na Pós-Graduação e Assessoria Técnica para a Produção do *Habitat* mais saudável, resiliente e solidário no campo e na cidade), realizado em 2023 em Brasília. A partir desse encontro foi possível identificar que a extensão universitária:

(...) ainda é marginal ao currículo e à universidade como um todo, prevalecendo a valorização do produtivismo acadêmico, deixando a potencialidade cogeradora de conhecimentos da Extensão, bem como a transformação da universidade e sua territorialização, a cargo de pessoas resistentes ao sistema hegemônico (Catálogo do I Encontro Nacional sobre a Extensão na Pós-graduação e Assessoria Técnica para a Produção do *Habitat* mais saudável, resiliente solidário no campo e na cidade, 2023, p.232).

Se a formação profissional (graduação) deve considerar a aproximação com a comunidade e a sociedade, em trocas de experiências enriquecedoras, não deveria haver a mesma preocupação para em relação à pós-graduação? Alertas sobre a necessidade de pensar a pesquisa - cujo principal *locus* no Brasil é a pós-graduação - têm se intensificado. A pesquisa na pós-graduação tem se concentrado em resultados - medidos por número de publicações - mais do que sobre as implicações de tais pesquisas, ignorando problemas sociais concretos sobre os quais as pesquisas versam ou tangenciam (Cunliffe, 2020; Sá *et al.*, 2020; Szlechter *et al.*, 2020). A essência da produção do conhecimento tem sido destruída pelo produtivismo, as imposições e as métricas, de tal forma que a produção acadêmica tornou-se um fim em si mesma (Alcadipani, 2011; Carvalho; Vieira, 2003).

Hoje, as atividades de extensão realizadas por candidatos à pós-graduação praticamente não são valorizadas nos processos seletivos. A título de ilustração, analisou-se a distribuição de pontos referente ao *currículo lattes* no processo de seleção, tanto para o mestrado quanto para o doutorado em administração, de cinco importantes instituições de Minas Gerais: Pontifícia Universidade Católica (PUC), Universidade Federal de Lavras (UFLA), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e Universidade Federal de Viçosa (UFV). No quadro abaixo, é possível visualizar como as atividades referentes à pesquisa são melhores pontuadas do que aquelas referentes à extensão:

Quadro 1 - Critérios de Pontuação Planilha *Lattes*

Programas	PUC	UFLA	UFMG	UFU	UFV
Periódico A1	20	20	30% da nota	5	30
Periódico B3/B4	2	3/2	30% da nota	5	3/1
Congresso C1	-	11	30% da nota	2	3
Congresso C3	-	2	30% da nota	2	2
Participação em projeto de extensão	5	1	10% da nota	0,5	1

Fonte: Site dos programas. Elaboração dos autores (2024).

Contrapondo-se ao o apelo produtivista presente nas universidades operacionais a partir de contratos de gestão e índices de produtividade (Chauí, 1999), a extensão na pós-graduação poderia ser um caminho para enfrentar a hegemonia capitalista e da colonialidade do saber que se manifestam sobretudo numa formação carente de reflexividade crítica e no distanciamento das demandas concretas da sociedade. Considerando que a extensão tem múltiplas interpretações como mais uma atividade em disputa no âmbito das universidades. A investigação de experiências concretas de extensão na pós-graduação pode contribuir para planejar a melhor forma de implementar tais atividades, como compreender as implicações para a universidade como um todo.

3. Procedimentos Metodológicos

Esse artigo se caracteriza pela pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo. O método autoetnográfico, entendido como espaço discursivo que joga luzes sobre subjetividades por meio de descrição e análise sistemática das experiências pessoais que levam a compreensão de um contexto maior (Santos; Biancalana, 2017).

A coleta de informações, realizou-se a partir de convite direcionado aos precursores do projeto de extensão, sendo 5 pessoas, quatro estudantes de pós-graduação e uma docente, para que relatassem sua participação no desenvolvimento do **projeto Feira de Trocas**, suas vivências e aprendizados. Ressalta-se que um dos autores deste trabalho é um dos informantes (situação comum em uma autoetnografia) (Santos; Biancalana, 2017).

Os informantes receberam uma orientação para contar sua história no projeto de pesquisa Feira de Trocas, destacando os aspectos mais importantes de suas experiências, aprendizados e desafios. Quatro deles produziram e enviaram áudios com suas respostas e um dos informantes, por razões pessoais, solicitou um encontro online com uma das autoras que apresentou a ele as mesmas orientações e gravou a narrativa em áudio. Os áudios foram transcritos para análise.

Para resguardar os informantes, seus nomes foram substituídos por nomes fictícios e organizados juntamente com informações sobre o vínculo com a instituição de execução do projeto, o nível da pós-graduação na época de participação, e, por fim, a situação atual desse participante no projeto, apresentados no quadro 2.

Quadro 2 - Caracterização dos Participantes

Nome fictício	Vínculo com a instituição UFLA	Nível da Pós-Graduação cursada na época de participação	Situação atual no Projeto
Paul	Discente	Doutorado	Ativo (Desde 2/2022)
Ana Carolina	Discente	Mestrado	Inativo (2/2022 a 12/2023)
Flávia	Discente	Doutorado	Inativo (2/2022 a 11/2023)
Genauto	Discente	Mestrado	Inativo (2/2022 a 5/2024)
Marilena	Docente	-	Ativo (Desde 2/2022)

Fonte: Elaboração dos autores (2024).

Para análise das informações coletadas, optou-se pela análise de narrativa. Por reconhecer que por meio da narrativa vinculada à experiência, “o ato de lembrar mobiliza bem

mais do que os fatos vividos” (Pereira; Eugênio, 2019, p.33). O tipo de análise de narrativa usada foi a temática, buscando identificar “a experiência” dos participantes no projeto, como o padrão (tema), sendo esse o norteador da narrativa (Zaccarelli; Godoy, 2013, p.28).

As narrativas individuais foram lidas e analisadas individualmente numa primeira etapa e, num segundo momento, em conjunto, permitindo reconstituir a construção do projeto de extensão que foi interpretado à luz da perspectiva da colonialidade do saber.

4. Resultados e Análises

O projeto Feira de Trocas da Universidade Federal de Lavras, iniciou-se em 2022, como um evento de extensão. A proposta surgiu do doutorando Paul, que tinha experiências em projetos relacionados a economia solidária, cooperativismo, clubes de trocas, e na Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – ITCP. Ao cursar a disciplina da pós-graduação “Aproximações Teóricas sobre Colonialidade e Decolonialidade”, - que dentre os critérios de avaliação permite que o estudante desenvolva e construa uma atividade que dialogue com o debate decolonial, Paul propôs a realização de um clube de trocas.

Com o apoio de colegas da disciplina, iniciou reflexões sobre as possibilidades de descolonização de um clube de trocas. Interessante destacar que os colegas que realizaram a disciplina com Paul, resolveram se engajar na proposta deixando de lado outras ideias de trabalhos individuais para a disciplina:

(...) todo mundo fez junto este projeto, porque era um projeto grande, então todo mundo abdicaria da sua ideia inicial, para engajar neste projeto da Feira de Trocas (...) que envolveria não só a comunidade acadêmica ali da UFLA, mas também a comunidade de Lavras. (Flávia).

O projeto envolvia riscos e incertezas já que a maioria do grupo não tinha participado de nada semelhante. Mas, fazer uma atividade conjunta que alinhasse a produção na pós-graduação com a extensão, motivou os estudantes. Nesse sentido, o projeto surge a partir do rompimento de uma lógica produtivista e individualista, cuja características se alinham à colonialidade do saber (Caciatori; Fagundes, 2018). A motivação de Paul para implementar um Clube de Trocas está relacionada com o seu processo de formação e com experiências vivenciadas em sua trajetória acadêmica:

Eu tenho uma criação, uma formação muito extensionista, eu vim de um curso que é a Administração Pública, eu fiz parte de uns cinco projetos de extensão diferente com muito contato com a comunidade, sempre conversando, correndo atrás, até porque eu dependia disso, porque eu era bolsista, eu sempre fui bolsista de extensão (...) sempre senti essa necessidade que a universidade ela tem que parar de conversar com ela mesma e fazer alguma coisa em prol da sociedade, então dentro do ensino, pesquisa e extensão, o meu ramo sempre foi na extensão, sempre gostei. (Paul).

A partir do relato de Paul, é possível compreender que as experiências de extensão na trajetória acadêmica contribuem para a visão crítica sobre a universidade e a pós-graduação. As experiências que os estudantes carregam podem guiar propostas de construção que ampliem os espaços formativos e participativos no mestrado e doutorado, rompendo com a colonialidade do saber a partir da hegemonia da pesquisa.

O desafio de pensar o Clube de Trocas de uma perspectiva decolonial, levou de acordo com Flávia, Ana Carolina, Paul e Marilena, o projeto para rumos particulares. Apesar de contemplar os mesmos objetivos do Clube de Trocas, ou seja, realizar trocas de produtos e serviços, incentivando o consumo sustentável e o fortalecimento da economia solidária, o projeto também visava entrelaçar os laços entre a comunidade local e a acadêmica, desenvolver

parcerias com outros grupos sociais, proporcionar debates e trocas de experiências de vida, por meio de rodas de conversas, para tratar de assuntos que sejam de interesse coletivo, além de promover atividades culturais. A ideia era discutir todas as possibilidades de troca que poderiam surgir quando se pensa nas relações entre universidade e comunidade. Daí a substituição do nome “Clube de Trocas” (que remete a algo fechado, restrito) por “Feira de Trocas” (que lembra um espaço mais participativo e aberto ao público). Ressalta-se ainda, conforme explicitado por Ana Carolina, que desde os primórdios da Feira de Trocas, esta fundamenta-se nos princípios de cooperação, solidariedade, autogestão, democracia, diálogo, respeito e diversidade.

Estes aspectos propostos e executados no projeto, corrobora com o trazido por Gadotti (2017), os projetos de extensão possuem capacidade de alinhar-se com a perspectiva decolonial, ao romper com a colonialidade do saber, introduzindo de forma dialógica outros saberes, práticas e experiências, visando contribuir para o enfrentamento dos problemas sociais.

O primeiro Evento da Feira de Trocas, aconteceu no dia 01 de dezembro de 2022, no Centro de Cultura (que se tornou parceiro do evento) com o tema **“Culturas, Raças e Gênero”**. Na oportunidade foi realizada uma roda de conversa com uma convidada voluntária da Associação Castelo de São Jorge de Lavras, que compartilhou sobre sua experiência em uma associação ligada a comunidade quilombola residente na cidade. O evento também contou com a participação de uma estudante estrangeira que atuava no Centro de Idiomas da Universidade para compartilhar sua experiência como mulher negra viajando por diferentes países e culturas. O tema da roda de conversa, foi discutido em conjunto assim como a escolha das participantes, do local e toda a construção da feira.

Em paralelo às trocas de produtos e serviços foram realizadas apresentações musicais por um pós-graduando do PPGA e, no final, uma aula livre de forró com um professor da cidade. A população da cidade tem pouco acesso a atividades culturais, por isso, o grupo decidiu por incluir tais atividades na feira. Merece destacar que tanto pós-graduandos como a docente atuaram formalmente e, na prática, como coordenadores do evento, demarcando uma forma de gestão horizontalizada, com foco na colaboração.

O evento contou com a participação de diversas pessoas, estudantes e professores da UFLA de variados cursos, moradores locais, aposentados, adolescentes, proprietários de brechós, entre outros. Aproximadamente oitenta pessoas compareceram ao evento.

Ana Carolina narra um acontecimento da primeira Feira que marca a importância de se promover espaços dialógicos com diferentes públicos, da comunidade acadêmica e externa:

Quando a primeira convidada falou sobre a associação sócio-cultural, do trabalho que a associação faz lá, que ela falou da religião, da Umbanda, que é contra hegemônica da colonização, que o quilombo é essa resistência da cultura das matrizes africanas. Um quilombo urbano, onde fica a associação sócio-cultural, onde fica o terreiro, é um espaço considerado um quilombo urbano, e esse terreiro é resistência, portanto, falar da resistência dessas culturas, é falar de uma resistência decolonial, então foi muito bacana a convidada falando, e mais bacana ainda foi vendo após a apresentação dela, uma senhora perguntou pra ela sobre a religião. Eu vi ela perguntando, e por um momento eu fiquei com receio se aquela senhora vendo ela falando sobre a Umbanda e tal, se ela ia ficar incomodada com aquilo, e eu fiquei observando ela falar com a convidada ao final da apresentação. E na verdade ela ficou interessada, foi perguntar para ela onde que era, que ela achou bacana e tal, querendo saber mais. E eu fiquei muito feliz em ver essa comunicação entre as pessoas que foram apresentar algo que existe na comunidade, no entorno da universidade que as pessoas às vezes não sabem, e juntar outras pessoas de outra parte da cidade que também não sabe. Então a feira foi esse espaço de comunicar coisas que acontecem na cidade pras pessoas da cidade, sendo elas universitárias ou não. (Ana Carolina).

O relato de Ana Carolina aponta o potencial da extensão em propiciar diálogos entre universidade e comunidade que se concretiza a partir do compartilhamento de saberes e

experiências não hegemônicas. A informante aponta ainda que a roda de conversa viabilizou um encontro da comunidade com a própria comunidade construindo pontes de diálogo e reflexão. Os participantes puderam conhecer a experiência da Associação Castelo de São Jorge de Lavras e do quilombo urbano e a representante da associação pode divulgar seu trabalho.

Ao final da feira, os organizadores se depararam com uma situação inesperada. Várias pessoas deixaram para trás itens que não foram trocados. O grupo discutiu e, partindo da lógica do projeto, se organizou para separar os itens e direcionar aqueles que estivessem em condições de uso para uma organização social que pudesse utilizá-los. Esse foi um aprendizado coletivo que foi incorporado ao projeto. A avaliação final do evento foi positiva, como relatam Flávia e Marilena.

Foi tão bom, foi tão prazeroso, deu tão certo, a comunidade externa ficou muito feliz, as pessoas vinham falar para gente que a ideia era muito legal, a comunidade se sentiu envolvida sabe, com a UFLA, se sentiu empoderada assim de participar, de fazer a diferença. Enfim, se sentiu vista a comunidade. (Flávia).

A Feira de 2022 foi um sucesso, a gente tem as avaliações dos estudantes sobre a Feira, eles ficaram muitos surpresos, com os resultados alcançados, com a mobilização das pessoas, com os ganhos pessoais, individuais e coletivos que eles tiveram, apesar de muito trabalho, porque deu muito trabalho (...) foi bastante gente participando daquela Feira, na verdade não parava de chegar gente, foi muito legal isso (...) e na nossa avaliação foi uma experiência muito positiva e com grande potencial. (Marilena).

A surpresa e a alegria de Flávia e Marilena se devem ao fato de que o grupo estava descrente sobre o interesse das pessoas pelo evento, o que, por sua vez, deriva do fato de que a aproximação com a comunidade era uma experiência inédita para a maioria dos participantes. Tais avaliações se repetiram quando, como parte da proposta, os participantes compartilharam suas impressões sobre a feira, logo após o evento.

Segundo Paul, a professora responsável pela disciplina propôs aos alunos envolvidos na construção do evento, que a Feira de Trocas se tornasse um projeto institucional de extensão, aberto também para pessoas da comunidade acadêmica e externa para participarem enquanto membros e organizadores. Em abril de 2023, o projeto de extensão intitulado como **Feira de Trocas da UFLA**, foi registrado, vinculado ao núcleo de pesquisa Laboratório de Estudos Transdisciplinares em Administração (LETRA).

O projeto de extensão também foi construído em conjunto por cinco dos oito membros originais da feira, a maioria por estudantes da pós-graduação. Marilena e Genauto relatam que este é um aspecto interessante da Feira de Trocas, pois ela inicia na pós-graduação e depois, ela se amplia para a graduação e demais membros da comunidade acadêmica. Geralmente, os projetos de extensão existentes na Universidade se limitam ao âmbito da graduação (Gadotti, 2017).

Com a institucionalização do projeto, decidiu-se convidar outras pessoas da comunidade acadêmica a participarem, por meio de edital e processo seletivo. Com isso, em 2023, doze pessoas participaram do projeto (5 graduandos, 6 pós-graduandos e uma docente).

Ao relatar os aspectos positivos da Feira de Trocas, Ana Carolina reforça que o projeto se configura como um rompimento com aspectos produtivistas e que se relaciona a uma formação mais horizontal e de cooperação:

A Feira começou com os alunos da pós-graduação, e eu acho que isso de surgir com os alunos da pós-graduação foi algo muito positivo, porque eu acho que é de consenso entre os alunos da pós, ela [pós-graduação] fomenta um ambiente muito produtivista, competitivo, então eu acho que este momento de pensar a Feira, e de pensar em algo solidário, horizontal e de cooperação, eu acho que assim foi incrível, é uma

experiência que se mais pessoas tivessem isso, **poderia mudar a chavinha em muita gente. Essa experiência permite que as pessoas vejam que a gente faz, constroi as coisas em conjunto, em comunidade, em cooperação, em solidariedade...e fazer dessa forma torna o processo muito mais leve e faz a gente ver por outras perspectivas também, para o conhecimento científico, o resultado que a gente pode levar para a academia, além de um *paper*, além de um artigo escrito.** (Ana Carolina, grifo nosso).

O relato de Ana Carolina informa sobre as possibilidades de aprendizado na pós-graduação para além da pesquisa, dando mais sentido à experiência de formação, evitando que a produção acadêmica seja um fim em si mesma (Alcadipani, 2011; Carvalho; Vieira, 2003). O projeto, de forma prática, se opõe à estratificação social na base da formação das universidades, estimulando o potencial crítico dos participantes (sejam eles internos ou externos à academia) (Gonçalves, 2024).

As narrativas dos pós-graduandos sobre o projeto como atividade vinculada à uma disciplina, aponta as possibilidades da extensão, vinculada ao pilar ensino (Separovic; Passarin, 2017). Os impactos positivos sobre os estudantes também se refletem na permanência desses no projeto, mesmo com o fim da disciplina, ainda que tenha sido uma atividade que demandou muito trabalho e, que tem uma influência significativa seja nas avaliações internas, seja em processos seletivos de pós-graduação como já discutimos.

(...) pela qualidade que foi entregue, assim gerou um impacto positivo que agradou os envolvidos que fez com que tanto a professora quanto os alunos, que ainda permaneciam na pós-graduação, dessem continuidade no projeto. (Genauto).

A segunda Feira de Trocas, aconteceu no dia 26 de outubro de 2023, também no Centro de Cultura, com o tema **“Você tem fome de quê?”**. A roda de conversa contou com convidados ligados ao coletivo Comunidade que Sustenta a Agroecologia – Horta Pro Nobis e o Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável de Lavras (COMSEA), além de professores e alunos do departamento de Nutrição da UFLA. O evento contou com a atração musical da Banda Elos (formada por músicos independentes, estudantes da universidade, que se organizaram exclusivamente para se apresentar na Feira de Trocas). Cerca de sessenta pessoas com perfis diversos participaram do evento. A partir da avaliação da primeira feira, na segunda edição foi implementado um questionário para conhecer melhor os participantes e levantar demandas em relação à interlocução da universidade com a sociedade.

Genauto relata que a diferença da primeira Feira com a segunda refere-se, principalmente, a quantidade de tempo para o planejamento e execução:

A Feira hoje ele começa com o planejamento que vai desde o início do ano, ela é feita de forma bem mais cautelosa, tem mais tempo para trabalhar, por outro lado, naquela época, a Feira foi feita desde o zero até a entrega final... foi feita ali com um, dois meses de antecedência, mais ou menos (...). (Genauto).

A necessidade de tempo para planejamento demandada pelos participantes e incorporada à Feira, também vai na contramão das pressões produtivistas na pós-graduação. Os participantes identificaram a necessidade de mais tempo para dialogarem entre si, se aproximar das demandas da comunidade e planejar as ações. Marilena e Ana Carolina, relatam que ao longo do planejamento e ao final da Feira, além da destinação dos materiais que não foram trocados, surgiu uma preocupação em relação à interlocução com possíveis parceiros. Como a proposta é trocar, tais demandas são sempre encaradas como parte da construção da Feira. A primeira demanda foi identificada na segunda edição da Feira, apresentada pelo Banco de Alimentos de Lavras, que estava com baixos estoques que são geralmente constituídos por doações. Após a realização da Feira de 2023, o grupo organizou uma campanha para

arrecadação de alimentos não perecíveis. Foram arrecadados 111,8 kg de alimentos e o trabalho do Banco de Alimentos foi divulgado na comunidade.

Ao encaminhar demandas como essa, o projeto favorece o propósito de que a universidade cumpra com o seu papel social (Moita; Andrade, 2009). Simultaneamente, os participantes do projeto tiveram a oportunidade de contribuir efetivamente com os problemas sociais apresentados pela própria comunidade local (Separovic; Passarin, 2017).

Em março de 2024, como relatado por Marilena, com o sucesso da segunda Feira e com o desejo de alguns membros de darem continuidade ao projeto, houve um novo processo de seleção, com a entrada de sete novos membros sendo a maioria dos ingressantes alunos da pós-graduação. Assim, no atual momento, o projeto conta ao total com onze discentes, sendo seis discentes da pós-graduação e quatro da graduação e uma docente. Em abril, ocorreu o processo de formação para os novos membros ingressantes e em maio iniciou-se o processo de planejamento da terceira Feira de Trocas, com a data prevista para realização no mês de outubro de 2024.

A composição do grupo, também reforça o ponto positivo do projeto que é permitir a interlocução da graduação com a pós-graduação, fazendo com que os estudantes em ambas etapas de formação articulem seus saberes e experiências de forma colaborativa e horizontalizada.

Apesar desse aspecto positivo, Marilena e Ana Carolina destacam a dificuldade de atrair estudantes de graduação, principalmente considerando que as vagas disponibilizadas são para atuação voluntária. Apenas uma estudante de graduação possui uma bolsa de extensão destinada a grupo vulnerável, desde janeiro de 2024, dedicando-se ao projeto 48 horas semanais. Acredita-se que a lógica individualista e as supostas demandas de mercado orientam as decisões dos graduandos, que não veem sentido na proposta da Feira de Trocas, algo muito distante do repertório e imaginário social desse grupo, o que torna difícil de conseguir a aderência de novos voluntários.

Destaca-se que a dificuldade de compreender a proposta da Feira também se manifestou entre os pós-graduandos na primeira edição do evento. Conforme destacado por Marilena, havia no início, um sentimento de que a Feira não daria certo. Tratando-se de uma proposta de ação que abre uma fissura na estrutura de práticas comuns à academia, orientada pela colonialidade do saber (Mignolo, 2017b; Grosfoguel, 2007).

Faz-se importante destacar a percepção de Marilena, o maior obstáculo enfrentado no projeto, atualmente, é a falta de suporte da universidade, em relação ao espaço, disponibilização de recursos materiais, financeiros e equipamentos para a realização da Feira de Trocas. Sabe-se que no geral, os recursos para área da educação são escassos, mas este fator impacta ainda mais os projetos extensionistas, uma vez que estes são colocados como secundários no grau de importância das universidades (Moita; Andrade, 2009; Pimentel; Menezes, 2022). Com isso, mesmo que a Feira de Trocas seja uma possibilidade que surge no coletivo em romper com os aspectos da colonialidade no âmbito das Universidades, ainda existem obstáculos a serem superados, para evidenciar a extensão como pilar importante na formação dos discentes, principalmente na pós-graduação.

5. Considerações Finais

O presente trabalho buscou caracterizar a construção do projeto de extensão Feira de Trocas da UFLA, discutindo sua contribuição para a formação de pós-graduandos por meio das lentes da decolonialidade do saber. Os relatos dos informantes que participaram desde o início do projeto apontam que a Feira contribui na formação dos pós-graduandos, alinhando-se às atividades de ensino, trazendo uma experiência concreta com pessoas e demandas da comunidade, subvertendo a lógica individualista e produtivista características do meio.

Apesar de atividades de extensão contarem pouco para os parâmetros de avaliação dos pós-graduandos, eles permaneceram por mais de uma edição como voluntários no projeto. Além disso, a experiência no projeto constrói referências para iniciativas que possam ser “mais leves” e “prazerosas”, como destacam alguns informantes.

Ao materializar a experiência do projeto no presente trabalho, ressalta-se que além da articulação entre ensino-extensão apresentada no texto, buscamos concretizar suas articulações com a pesquisa que, por sua vez, podem inspirar novas pesquisas, ideias de atividades de ensino e extensão. Concretamente, a construção deste trabalho servirá como subsídio para aprimorar o projeto Feira de Trocas.

Constituindo-se como uma fissura na estrutura individualista, produtivista e distanciada da sociedade que caracteriza a pós-graduação atualmente, e construindo pontes entre os pilares ensino-pesquisa-extensão, o projeto Feira de Trocas pode ser considerado como uma forma de enfrentamento à colonialidade do saber que ainda domina as universidades.

Espera-se que este trabalho possa servir como inspiração para a ampliação do debate a respeito da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, principalmente no que tange a formação no pilar extensão na pós-graduação. Junto a isso, acredita-se que o trabalho possa colaborar para futuras pesquisas que discutam sobre os desafios e lacunas na formação discente relacionadas a indissociabilidade entre os pilares da universidade, tendo o projeto Feira de Trocas como uma experiência que contraria aspectos da colonialidade, por meio de uma formação extensionista que possui impacto para uma formação crítica e reflexiva e em diálogo com a comunidade.

O trabalho apresenta como limitação o foco exclusivo nas narrativas dos precursores do projeto. A perspectiva de demais membros do projeto e participantes da comunidade externa possibilitaria uma compreensão mais ampla sobre potenciais e limites da Feira de Trocas.

Referências

ALCADIPANI, R. Resistir ao produtivismo: uma ode à perturbação Acadêmica. **Cad. EBAPE.BR**, v. 9, nº 4, opinião 3, Rio de Janeiro, p.1174–1178, Dez. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1679-39512011000400015>.

ALMEIDA-FILHO, N. Resgate histórico da educação superior no Brasil: casos-índice de colonialidade na universidade. **Universidades**, v. 75, n. 100, p. 20-41, 2024.

AMARAL, I. G.; NAVES, F. O enfrentamento das opressões de gênero numa universidade pública: O papel dos coletivos na ótica do feminismo decolonial. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 7, n. 1, p. 151-184, 2020.

ASSIS, R, M; BONIFÁCIO, N, A. A formação docente na universidade: ensino, pesquisa e extensão. **Rev. Educação e fronteiras (Online)**. v.1, n.3, p.36-50, set./dez. 2011.

BARRETO, A. L.; FILGUEIRAS, A. L. Origens da universidade brasileira. **Quim. Nova**, Vol. 30, No. 7, 1780-1790, 2007

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: **Senado Federal**, 1988.

Brasil. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014> .Acesso em: 14 jun. 2024.

BISPO, M. de S. Contradições na pós-graduação em administração brasileira. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, c. 19 n.2, p.169-180. Mai-Ago 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.21529/RECADM.2020007>.

BRITO, L. M.; SANTOS, G. G. Colonialidade do saber e universidade no Brasil: a necessária promoção da justiça cognitiva. In: **Anais do Congresso Epistemologias do Sul**. 2018.

CACIATORI, E. G.; FAGUNDES, L. M. A colonialidade do poder e a dependência do estado latino americano: elementos para refletir a condição periférica regional. **Revista Culturas Jurídicas**, Niterói, v. 5, n. 12, set/dez, p. 87-109, 2018.

CARVALHO, C. A.; VIEIRA, M. M. F. Algo está podre no reino da Dinamarca. **Revista Organização & Sociedade**, v. 10, n. 26, p. 185-187, 2003.

CHAUÍ, M. A UNIVERSIDADE OPERACIONAL. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 4, n. 3, 1999. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/avaliacao/article/view/1063>. Acesso em: 10 mai. 2024.

CUNLIFFE, A. L. Reflexividade no ensino e pesquisa de Estudos Organizacionais. **RAE**, v. 60, n. 1, jan.-fev. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0034-759020200108>.

DUSSEL, E. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, E. (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. **Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

GADOTTI, M. Extensão Universitária: Para quê? São Paulo: **Instituto Paulo Freire**, 2017. Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf. Acesso em 14 de jun.2024.

GONÇALVES, E. C. B. **Transformação social: caminhos**. Rio de Janeiro: Ed. Dos Autores, 85 p., 2024.

GROSFOGUEL, R. Descolonizando los Universalismos Occidentales: El Pluri-Versalismo Transmoderno Decolonial desde Aimé Césaire hasta los Zapatistas. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (org.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, p. 61-77, 2007.

JIMENEZ, M. O.; ANDRADE, G. B.; LEITZKE, M. R. L.; STOECKL, B. P.; SOSSMEIER, K. D. A extensão e a universidade brasileira: do estatuto das universidades até a curricularização da extensão. **Educação: Teoria e Prática**, [S. l.], v. 33, n. 66, 2023.

LANDER, E. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos. In: LANDER, E. (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. **Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, p. 935-952, 2014.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global, p. 127-167, 2007.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade. o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 32, n. 94, p. e329402, 2017a.

MIGNOLO, W. D. Desafios decoloniais hoje. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017b.

MOITA, F. M. G.; ANDRADE, F. C. B. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação** v. 14, n. 41, 2009.

MOREIRA, T. L.; MAFRA, F. L. N. Descolonização do saber e a complexidade sociopolítica das universidades públicas brasileiras. In: **XLVII Encontro da ANPAD - EnANPAD 2023**. São Paulo, 2023. DOI: <https://doi.org/10.21714/2177-2576>.

NOGUEIRA, O. **Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga**. São Paulo: Edusp, 1998.

NUNES, F, G. Desafios da pós-graduação: articulação entre ensino, pesquisa e extensão e diálogo com outras formas de produção do conhecimento. **Atos de Pesquisa em Educação**, vol. 12, n. 1, p.23-35. Jan-Abr. 2017.

PEREIRA, E. B.; EUGÊNIO, B. G. Narrativas de formação: potencialidades e possibilidade para a pesquisa em educação. **Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura** do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ), v.8, n.18 2019.

PIMENTEL, S. K.; MENEZES, P. D. R. de. A Teia dos Povos e a universidade: agroecologia, saberes tradicionais insurgentes e descolonização epistêmica. **Ambiente & Sociedade**, v. 25, 2022.

POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. **Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior**. Manaus: 2012. Disponível em: <http://proex.ufsc.br/files/2016/04/Política-Nacional-de-Extensão-Universitária-e-book.pdf>. Acesso em 15 de jun. 2024.

PORTO-GONÇALVES, C. W. Apresentação da edição em português. In: LANDER, E. (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. **Perspectivas latinoamericanas**. Colección Sur Sur. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú indígena**, Lima, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.

QUIJANO, A. “Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina”. In: LANDER, E. (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. **Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SÁ, M.; ALCADIPANI, R.; AZEVEDO, A.; RIGO, A. S.; SARAIVA, L. A. S. De onde viemos, para onde vamos? Autocrítica coletiva e horizontes desejáveis aos Estudos Organizacionais no Brasil. **RAE**, v. 60, n. 2, mar.-abr., 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0034-759020200209>. Acesso em: 28 abr.2021.

SANTOS, B. S. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. Cortez: São Paulo, 2004.

SANTOS, C. M.; BIANCALANA, G. R. Autoetnografia: um caminho metodológico para artes performativas. *Revista Aspas*. e12355, 2022.DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3999.v7i2p53-63>

SLEUTJES, M. H. S. Refletindo sobre os três pilares de sustentação das universidades: ensino-pesquisa-extensão. **RAP**. Rio de Janeiro 33, maio-junho, 1999.

SEPAROVIC, L. PASSARIN, P. Universidade: Ensino, Pesquisa e Extensão: Definições e Conceitos. A USP no Ensino, na Pesquisa e na Extensão (Conhecendo a USP e o que a Universidade Oferece aos Alunos, Pesquisadores e Comunidade Externa). **E-disciplinas Usp** 2017. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4097657/mod_resource/content/1/Tema%201.pdf. Acesso em 10 de jun. 2024.

SEGATO, R. **Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda**. 1.ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SZLECHTER, D.; PAZOS, L. S.; TEIXEIRA, J. C.; FERREGRINO, J.; MADARIAGA, P. I.; ALCADIPANI, R. Estudios Organizacionales en América Latina: hacia una agenda de investigación. **RAE**, Revista de Administração de Empresas, v. 60, n. 2, p. 84-92, mar.-abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0034-759020200202>. Acesso em: 28 abr.2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE BRASÍLIA. Catálogo I Encontro Nacional sobre a extensão na Pós-graduação e assessoria técnica para a produção do habitat mais saudável, resiliente e solidário no campo e na cidade [livroeletrônico] : residências acadêmicas, cursos de especialização e grupos de pesquisa e extensão / Liza Maria Souza de Andrade...[et al.]. -- Brasília, DF : LaSUS FAU : **Editora Universidade de Brasília**, 2023.

VALÊNCIO, N. F. L. S. **A indissociabilidade entre Ensino/Pesquisa/Extensão: verdades e mentiras sobre o pensar e o fazer da universidade Pública no Brasil**. 2000.

WALSH, C. Shifting the Geopolitics of Critical Knowledge: decolonial thought and cultural studies Others' in the Andes. **Cultural Studies**, London, v. 21, n. 2/3, p. 224-239, 2007.

ZACCARELLI, L. M.; GODOY, A. S. Deixa eu te contar uma coisa...: Possibilidades do uso de narrativas e sua análise nas pesquisas em organizações. **Revista Gestão Organizacional**, v. 6, n. 3, 2013.